

Chazanut

NO MOVIMENTO MASSORTI

Há quem diga que a vida é um jogo de perguntas e respostas. Quem se questiona é alguém que procura um caminho na vida. E foi isso que fiz quando eu pensei: Dedicar-me à chazanut sendo uma mulher na Argentina? ... Por que não? Assim começou minha carreira...

Meu nome é Agnes Kapustiansky. Eu pertenço à geração jovem da Bet Assaf, a escola do Seminário Rabínico Latino-Americano, que abriu as portas para tantos de nós um dia, para ver-nos sair diplomados. Quando terminei meus estudos eu decidi buscar mais, e organizei minha própria viagem a Israel, para continuar aprendendo. Isso me foi muito difícil, pois não havia planos na Argentina para chazanot, nem estavam dispostos a aceitar-me em qualquer instituição de formação chazanim em Israel, (como escolas de canto, universidades e ieshivot) por eu ser uma mulher.

Embora seja verdade que o movimento Massorti nos considera como indivíduos com igualdade de direitos e condições dentro de um kahal, também temos que reconhecer que, pelo menos na Argentina, essa ideia só agora começa a tomar forma. Na maioria das comunidades ainda é raro ver uma mulher chazanit na bimá, que coloque o seu talit, sua kipá e leia a Torá, ou que levante seu copo de vinho ao alto e entoe o Kidush em voz alta. Estas ideias ainda incomodam na mente de muitos. Coube-me viver esses tipos de discriminações em minha própria experiência e foram justamente nesses momentos em que eu perguntei "mas porque meus pais queriam uma menina?!!"

Depois de pesquisar por quase um ano de todos os meus meios, consegui entrar em contato com o Maestro Raymond Goldstein, um homem que além de ser mundialmente conhecido como um diretor de orquestra e compositor, mostrou-me ter um grande coração e uma admirável sabedoria. Estudei com ele durante 5 meses. Eu viajava por quase duas horas até sua casa em Jerusalém, às vezes duas vezes por semana, apenas para ter minha aula com ele. Ainda não entendo como fui capaz de fazê-lo.

A experiência foi única, eu aprendi muito. Ele realmente me deu o melhor de si, com todo seu profissionalismo. Consegui me aproximar mais plenamente da chazanut tradicional, percorrendo cada partitura com um amor e esforço enormes.

O engraçado era que sua esposa, vestida assim com seu vestido religioso e peruca, acabou por ser um grande fã de Yossele Rossemblat e estava estudando chazanut por conta própria!

Viajar renovou minha vocação quanto à chazanut e abriu meus ouvidos para deixar entrar em mim anos e anos de tradição, que me encheram de música viva. Consegui dar muito mais valor a tudo o que eu já tinha aprendido na Argentina.

Agora, um ano mais tarde, estou sediada na cidade de La Plata, onde desempenho minhas atividades educativas, solidárias, culturais e de chazanut na AMIA de La Plata. Eu continuo me questionando cm perguntas semelhantes às do início, graças a De-s, todos os dias. É o meu motor. Meu modo de imaginar um futuro para mim.

Outro Rosh Hashaná se passou, nossos Machzorim abriram-se novamente para encher o ar de Tefilá e de arte.

Emociona-me muitíssimo ter vivenciado algo tão profundo e belo como os lamim Noraim. Em todo o mundo de milhões de judeus se colocam perguntas semelhantes às minhas, que maravilhoso!

Talvez seja a hora de continuar também a nos perguntar, quem são os chazanim da América Latina? Como faço para agir como parte deles? Estou integrada, colaboro com eles? O que podemos fazer juntos para melhorar o mundo em que vivemos? Quantas mulheres participamos ... e como eu me sinto como uma mulher no movimento?

Algumas respostas e mais perguntas me vêm logo à mente. Não, felizmente, eu não tenho todas as respostas. Eu ainda tenho muito a aprender. Sim, tenho certeza que o caminho de cada um de nós está dentro de nós mesmos. Um novo ano está em andamento. Que HaShem queira que encontremos as respostas que procuramos no fundo de nossos corações, para alimentar nossas vidas e transmitir nossa experiência.

Chazanit Ines Kaputiansky
La Plata, Argentina